

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A OFICINA GAROTAS EMPODERADAS NOS COLÉGIOS ESTADUAIS DE PARANAVAÍ

Ana Paula de Souza (Graduanda e bolsista PIBIS Unespar), e-mail:

lolaanasantos@gmail.com

Ingrid Damiana Saez Melchor (Graduanda), email: ingriddamiana@gmail.com

Joyce Cetra Pereira (Graduanda), e-mail: joycecetra1@gmail.com

Profa. Dra. Isabela Candeloro Campoi (Orientadora), e-mail:

isabela.campoi@unespar.edu.br

Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, *campus* Paranavaí

Resumo: Como um projeto na modalidade extensão universitária, as oficinas de formação oferecem atividades para que meninas púberes e adolescentes sejam acolhidas e encontrem espaço de expressão e escuta. A proposta desse trabalho é apresentar um relato de experiência e os desdobramentos da atividade intitulada *Garotas empoderadas: oficina de formação* que tem sido executada em escolas públicas estaduais no município de Paranavaí. Ainda que o foco inicial tenha sido os aspectos biológicos do corpo feminino, as temáticas ligadas às relações de gênero fizeram, inevitavelmente, parte dos módulos, já que foram abordados os papéis sociais de mulheres e homens, as feminilidades, as masculinidades, a diversidade sexual e de gênero. Tais abordagens foram problematizadas em conjunto com as participantes, por meio de dinâmicas direcionadas. Apesar do projeto ainda estar em andamento, a partir das observações feitas nas escolas já atendidas, os resultados preliminares indicam que há carência na rede de ensino no que tange aos temas tratados. Da mesma forma, através dessa experiência, evidenciou-se o valor de projetos de extensão universitária, os quais têm se mostrado um importante canal de acesso ao conhecimento acadêmico frente às demandas da sociedade no entorno das universidades. No caso da oficina em questão, pretendeu-se promover a formação de meninas e adolescentes no que tange aos cuidados com o corpo, à educação sexual, à identificação da pobreza menstrual e à promoção da equidade de gênero.

Palavras-chave: educação sexual, gênero, empoderamento feminino.

Introdução

Os conflitos advindos da puberdade feminina são parte do desenvolvimento humano e comumente são negligenciados pela família, pela escola e pela sociedade em geral. Assim, identificamos algum reflexo dessa situação em estudo feito por Vânia Soares pela regional Paraná da *Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos* apresentado em reunião do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher. O documento mostrou que, de 2010 à 2019, 10.867 meninas com idade entre 10 e 14 anos

engravidaram e tiveram filhos nascidos vivos no estado do Paraná. O relatório sobre meninas mães despertou o sentimento de urgência em lidar com esse tema (certamente o mais imperativo, mas não o único) nas escolas. Ainda que as gravidezes de meninas estejam vinculadas criminalmente ao estupro presumido, cujo abortamento está previsto em lei, é preciso assumir definitivamente que a prevenção através da informação seja o melhor caminho para enfrentar esse problema.

Neste sentido, acreditamos que a escola seja um espaço importante no que tange à disseminação de informações ligadas à educação sexual, tais como esclarecimentos sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a apresentação dos métodos contraceptivos entre a população adolescente. No que tange à gravidez precoce, os principais fatores que contribuem para a gestação na adolescência são a desinformação sobre sexualidade e o próprio desconhecimento do funcionamento do aparelho reprodutor: muitas meninas púberes se espantam com a menarca por não receberem devidamente informações da própria família; outras tantas deixam de frequentar a escola no período menstrual por vergonha ou falta de absorventes.

De qualquer forma, além dos aspectos psicossociais, a falta de acesso às políticas públicas ligadas à saúde, deixam muitas meninas e jovens vulneráveis, de modo que a oficina *Garotas empoderadas* tem procurado interferir no processo de formação humana das estudantes, informando-as e promovendo seu empoderamento.

Materiais e métodos

Na primeira etapa do projeto a equipe envolvida pautou-se na elaboração das atividades, quando, através de leituras bibliográficas pertinentes ao tema, de troca de ideias em reuniões virtuais, fomos estabelecendo o formato e as dinâmicas mais adequadas aos grupos de acordo com a faixa etária das estudantes atendidas, resultando em três módulos/encontros de 1 hora e 30 minutos cada e em dias consecutivos no contraturno escolar. Simultaneamente produzimos o material de divulgação, estabelecemos contato e articulação com o Núcleo Regional de Educação de Paranavaí (NRE) e com as direções de escolas, apresentando a proposta às

interessadas. Na segunda e atual etapa estamos executando a oficina propriamente dita.

Assim, o projeto foi executado em três escolas até maio de 2022. Em encontros presenciais com meninas púberes e adolescentes, tratamos abertamente de temas tabus, tais como menstruação, sistema reprodutor, identidade de gênero, sexualidade entre outros, daí a importância de as atividades serem destinadas exclusivamente ao público feminino, alunas na faixa etária dos 12 aos 18 anos (7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio) no contraturno escolar. Foi elaborado roteiro das dinâmicas para cada encontro, com a descrição das atividades e estratégias de ação.

Pretendemos identificar alunas mais vulneráveis no que tange à chamada pobreza menstrual, bem como as que porventura estejam sofrendo abuso sexual e ainda as que já iniciaram a vida sexual no sentido de realizar orientações preventivas, seja encaminhando-as para a realização de exames ligados às IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), seja estimulando o uso de métodos anticonceptivos. Não menos importante é a promoção do empoderamento feminino por meio da disseminação do conhecimento elaborado no âmbito da Universidade para o público feminino escolar

Resultados e Discussão

Ao analisar o conceito, inclusive semântico, do termo extensão no livro “Extensão ou comunicação?”, Paulo Freire considera a expressão “extensão educativa” sob a luz do educar e educar-se na prática da liberdade, não como mera domesticação ou transmissão de conhecimento, mas como troca e construção do conhecimento em sua ação transformadora sobre a realidade. O autor se refere à educação como campo que transforma se transformando, ao ritmo da realidade e de forma dialética (FREIRE, 2013, p.79). Partido desses pressupostos, consideramos a extensão universitária um campo profícuo para a efetivação desses procedimentos, já que os percebemos tanto durante o preparo quando a execução da oficina. As acadêmicas envolvidas trouxeram ideias para as dinâmicas, como foi o caso do poema “Eu sou uma mulher” de Marina Colasanti para inserir o tema da menstruação.

No início de cada encontro foram feitas dinâmicas com cartões coloridos (verde, amarelo e vermelho) em que as participantes deveriam se posicionar

diante de afirmativas exibidas no Datashow, sendo que, a partir daí, os temas foram trazidos à tona. No primeiro encontro tratamos da menstruação como fator biológico; o corpo feminino: sistema reprodutor; menstruação; higiene pessoal: absorventes (externo e interno) e coletor menstrual; mitos e verdades sobre a menarca. No segundo, foram abordados temas como maternidade e responsabilidade; métodos anticoncepcionais; infecções sexualmente transmissíveis e autocuidado. No terceiro, os papéis sociais do ser homem e ser mulher na sociedade; relações de gênero; feminilidades e masculinidades; violência doméstica e os tipos de violência.

Durante toda a oficina, frases, imagens e demais informações foram exibidas no Datashow, suporte importante como procedimento metodológico. Panfletos da Secretaria de Saúde de Paranavaí através do Programa Saúde do Adolescente e do Sistema Integrado de Atendimento em Saúde (SINAS) foram distribuídos e problematizados com as participantes, assim como foram entregues panfletos do NUMAPE (Núcleo Maria da Penha).

Logo no primeiro dia apresentamos uma caixa/urna em que elas poderiam deixar perguntas ou quaisquer informações, as quais foram abordadas no último encontro. A esse respeito criamos um canal de diálogo discreto com as meninas, tanto que uma delas relatou abuso sofrido no âmbito familiar, situação devidamente informada à equipe pedagógica. Respondemos perguntas sobre o coletor menstrual, sobre a anatomia do hímen e aborto espontâneo. Outras elogiaram o projeto ou escreveram poemas.

Considerações finais

Nesta fase do projeto foram atendidas um total de 35 meninas em três escolas, sendo novas instituições em processo de agendamento. Consideramos que as abordagens feitas durante a oficina proporcionaram às participantes um espaço de escuta e de liberdade para poder falar e se abrir, compreendendo melhor a si mesmas e as vivências fora e dentro da escola.

Em um caso específico, a turma relatou a gravidez precoce de uma colega de escola de 12 anos, que serviu como mote para a reflexão sobre os problemas e as responsabilidades advindas desta situação testemunhada por elas próprias. Para além da aprendizagem e da disseminação de informações, na realização dos módulos, as participantes encontram abertura dentro das

dinâmicas. Dessa forma, a percepção freireana de que a educação se transforma no ritmo da realidade, porque está sendo transformada ao mesmo tempo em que atua como força transformadora, tem sido observada na execução de nosso projeto de extensão universitária.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Araucária que através do Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social – Pesquisa e Extensão (PIBIS) concede uma bolsa de estudos ao nosso projeto de extensão universitária. Esse financiamento é muito importante.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todas feministas**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2012.

COLASANTI, Marina. **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JUNQUEIRA, L. C. CARNEIRO, J. Aparelho reprodutor feminino. *In*: JUNQUEIRA, L. C. CARNEIRO, J. **Histologia básica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2010.

PERROT, Michelle. O corpo. *In*: PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, Vania Muniz N. Soares. **Estupro presumido no Paraná**: caracterização das meninas mães em um período de dez anos (2010-2019). Relatório da Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, regional Paraná, apresentado ao CEDM. http://www.cedm.pr.gov.br/sites/cedm/arquivos_restritos/files/documento/2020-11/caracteristicas_de_maes_meninas_no_parana_2010-19_31.pdf (Acesso em 21/04/2021).

VON KOSS, Monika. **Rubra força**: fluxos do poder feminino. São Paulo: Escrituras, 2004.